



POLÍTICA OPERÁRIA

Salário não é renda! Nenhuma cobrança de Imposto de Renda sobre os salários!

Lutemos por um salário mínimo vital, que seja suficiente para manter a família trabalhadora!

No dia 5/11, o Senado aprovou a proposta do governo Lula de isenção do Imposto de Renda para quem ganha até 5 mil reais e reduz parcialmente o tributo para quem ganha entre 5000,01 e 7.350,00. Apesar de passar a taxar em 10% a renda dos super-ricos obtida a partir dos dividendos, a medida inclui uma série de exceções como a renda obtida por meio de heranças e doações, rendimentos de poupança, imobiliários e agronegócio, entre outros.

Tal mudança não irá beneficiar em nada os trabalhadores que recebem até dois salários mínimos por mês. A grande maioria dos trabalhadores, cerca de 74,5% da população “ocupada” recebe até 3.036,00 reais (e já está atualmente isenta). Bastam esses dados para desmascarar a demagogia de Lula e Haddad de que o Brasil estaria alcançando mais “justiça tributária” e se tornando “um país mais justo”. Na prática, está claro a manobra eleitoreira do governo em oferecer uma migalha a um segmento da classe média arruinada pensando na eleição do próximo ano. O teatro entre governo e Congresso em torno da isenção

do imposto de renda esconde a real situação de que a maior parte da carga tributária recai sobre os mais pobres na forma de impostos indiretos sobre o consumo.

O Boletim Nossa Classe chama os explorados a exigir que os sindicatos e centrais rompam com o governo burguês de Lula e convoquem um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios, pela bandeira de “nenhuma cobrança de Imposto de Renda sobre os salários”, junto às bandeiras de não pagamento da dívida pública; emprego a todos, por meio da redução da jornada de trabalho, sem redução de salários; um salário mínimo vital (R\$ 7.526, segundo cálculos do Dieese), que seja suficiente para manter a família trabalhadora e reajustado automaticamente - aumentam os preços, aumentam os salários. Com essa luta, poderemos desmascarar a política pró-capitalista do governo Lula e do Congresso, e preparar as massas para a destruição revolucionária do Estado burguês e de toda a sua carga tributária, que recai quase que inteiramente sobre os explorados.

Denúncia

Volks, com apoio da burocracia, coloca trabalhadores em lay-off e tira o couro dos que ficam na produção

Um operário da Volkswagen denunciou ao Nossa Classe que, devido ao aumento da produção, a Volks está convocando os trabalhadores para trabalharem dois sábados adicionais como horas extras e, ao mesmo tempo, a Volks colocou mais de 100 trabalhadores em lay-off, ou seja, uma parte dos trabalhadores está em casa, com o contrato suspenso, recebendo 82% do salário, com a corda no pescoço, ameaçada de perder o emprego, enquanto a empresa tira o couro dos que estão na produção.

O companheiro denunciou os baixos salários pagos aos novos contratados. Enquanto os operários efetivos do Grau 6 recebem R\$ 7.235,49, o salário inicial de um contratado é de apenas R\$ 2.367,69. O companheiro informou ainda que, segundo informação do próprio sindicato, cerca de 60% dos trabalhadores da Ala 14 (montagem final) adquiriram doenças ocupacionais, devido ao ritmo acelerado da produção.

Isso explica por que no último

acordo feito com a Volks, a direção traidora do sindicato incluiu uma cláusula que permite à empresa demitir trabalhadores lesionados que não conseguirem trabalhar em postos indicados pelos açougueiros do departamento médico da empresa.

A denúncia do companheiro confirma o acerto do POR e do Boletim Nossa Classe, que vem fazendo uma campanha permanente contra os acordos de demissão, terceirização, banco de horas, redução de jornada com redução de salários, lay-offs e PDVs, que têm permitido à Volks e demais empresas aumentar a exploração da força de trabalho, produzir mais com menos trabalhadores, reduzir custos e aumentar seu lucro.

O Boletim Nossa Classe chama os operários da Volks e demais empresas a construir urgentemente as comissões de fábrica de luta, classistas e revolucionárias, para combater a política de conciliação e expulsar a burocracia do sindicato; a construir uma direção revolucionária, que or-

ganize a luta coletiva da classe operária contra as demissões e o fechamento de fábricas, por meio da greve, da ocupação de fábricas, do controle operário da produção e da estatização sem indenização de todos os setores da indústria. Defender um sindicato que se coloque sob a estratégia da revolução e ditadura do proletariado, da luta pelo socialismo.

Participe do

ENCONTRO OPERÁRIO

Entre em contato: (11) 95446-2020
@massas.por

Nosso objetivo é construir comissões de fábrica e oposições sindicais democráticas, classistas e revolucionárias, para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos!

29/11 • 17h
Presencial



Somente um governo operário e camponês, fruto de uma revolução social, poderá desenvolver a indústria nacional

Em meados da década de 1980, o setor industrial chegou a ser responsável por quase metade do PIB brasileiro. Desde a década de 1990, entretanto, o Brasil tem sofrido um processo de desindustrialização, que se agravou nos últimos 10 anos. A indústria de transformação, que em 1985 representava 36% do PIB, terminou o ano de 2021 com apenas 11% de participação na produção nacional. Mais grave ainda foi a queda da participação da indústria brasileira na produção mundial. Em 1995, a indústria manufatureira representava 2,77% da produção mundial, percentual que hoje é de apenas 1,28% - ou seja, praticamente a metade, como mostra recente estudo elaborado pela CNI.

Os dados do processo de desindustrialização do país confirmam a tese marxista de que a burguesia nacional, pelo seu caráter entreguista e de subordinação ao imperialismo, é incapaz de desenvolver a indústria nacional. No Brasil e demais semicolônias, são as multinacionais que controlam os ramos-chaves da economia, portanto, são quem determinam o que, a quantidade e o preço de tudo que é produzido. A mesma burguesia imperialista que financiou segundo seus interesses setores da economia, como

a mineração, ferrovias, indústria automobilística e outros, agora, devido à crise de superprodução capitalista, está fechando suas fábricas, como aconteceu com as quatro unidades da Ford no Brasil, a LG em Taubaté, a Toyota no ABC, a CAO Chery em Jacareí e muitas outras, causando demissão em massa e miséria para a classe operária.

O Brasil continua sendo uma semicolônia, exportador de matérias-primas. O governo burguês de Lula é um fiel defensor da propriedade privada, dos interesses da burguesia nacional e do imperialismo. O Plano Safra, de R\$ 500 bilhões, entregue pelo governo aos empresários do agronegócio; o plano “Nova Indústria Brasil”, que entregou R\$ 300 bilhões à burguesia industrial e o pagamento de mais de R\$ 1 trilhão da dívida pública aos banqueiros e ao capital financeiro no último ano, mostram o caráter burguês, antinacional e antipopular do governo Lula.

O programa “Nova Indústria Brasil” não objetiva desenvolver a indústria nacional, como afirma o governo burguês de Lula e a burocracia sindical governista. Ao contrário, é um plano de ajuda aos empresários

que estão sendo beneficiados com bilhões do dinheiro público, enquanto fecham fábricas e demitem em massa a classe operária. Na atual fase do capitalismo, imperialista, os sindicatos ou defendem uma política revolucionária ou uma política burguesa. A burocracia sindical ligada à CUT, Força Sindical, CSP-Conlutas e demais centrais abandonou a luta em defesa do programa próprio de reivindicações da classe operária e passou a defender acordos antioperários, que garantem os interesses dos capitalistas e multinacionais.

Somente um governo operário e camponês, resultado de uma revolução social que colocará fim a propriedade privada e estabelecerá a propriedade social, coletiva dos meios de produção, poderá expropriar, sem indenização, nacionalizar e desenvolver a indústria nacional e demais setores da economia, sob o controle operário.

O Boletim Nossa Classe chama a classe operária e demais explorados a construir nosso próprio partido, operário e revolucionário, que liga a luta pelo programa próprio de reivindicações do proletariado à luta pela destruição do capitalismo e construção do socialismo.

Burocracia dos Químicos do ABC atua a serviço do lucro da CBC e da Termomecânica

O encontro entre a direção do Sindicato dos Químicos do ABC e as cúpulas da Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) e da Termomecânica com o Ministro do Trabalho, Luiz Marinho, no último dia 13 de outubro, representa um claro e vergonhoso exemplo de colaboração de classes. Em agosto, a CBC demitiu mais de 100 operários da linha de produção voltada à exportação para os EUA, devido às tarifas de Donald Trump impostas ao Brasil e à guerra comercial. Em vez de convocar uma assembleia geral para aprovar a luta imediata pela reintegração dos operários demitidos, a burocracia sindical se transforma em lobista da burguesia, unindo-se aos capitalistas para pressionar o Estado burguês em favor de medidas que garantam o lucro patronal, sob o disfarce de defesa do “emprego nacional”.

A classe operária não pode aceitar a choradeira dos patrões da CBC e da Termomecânica. A crise é criada pelos capitalistas. Os lucros devem ser expostos. Comitês de Fábrica eleitos pelos operários devem exigir a abertura imediata e total dos livros de contabilidade das empresas. Se a concorrência capitalista, o mercado ou o “tarifaço” ameaçam o emprego, a resposta não é o protecionismo

estatal burguês, mas a expropriação e estatização imediata, sem indenização, dessas empresas. Elas devem ser estatizadas sob o controle operário, passando a ser geridas pelos próprios trabalhadores, em função das necessidades sociais, e não do lucro privado ou da indústria da guerra. Diante de qualquer ameaça de redução da produção ou de demissões, devemos lutar pela redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários. Deve-se dividir as horas necessárias para produzir nacionalmente entre todos os trabalhadores aptos ao trabalho, para garantir emprego a todos. Que a crise afete o lucro da burguesia, e não o emprego dos operários.

O Boletim Nossa Classe chama os operários do ABC a combater a política de conciliação de classes das burocracias sindicais e a defender seu programa próprio de reivindicações, com seu método próprio de luta, que são a greve, a ocupação de fábricas, bloqueios de avenidas e manifestações de rua.



Leia e divulguem o Jornal Massas. É um jornal voltado à luta pela emancipação da classe operária e demais oprimidos da exploração capitalista. É um jornal do Partido Operário Revolucionário (POR) que luta pelo fim do capitalismo e pela construção da sociedade sem exploração do homem pelo homem, uma sociedade socialista. **O Boletim Nossa Classe chama os trabalhadores a dar todo apoio ao Jornal Massas!**